

Editorial

Aos amigos leitores, é com um imenso prazer que apresento o terceiro número da Revista Vernáculo: história e reflexões. Mas não se trata apenas de mais um número lançado: esta edição encerra o primeiro dos muitos anos que esta revista promete. Pensando nisto, pareceu-me interessante recuperar um pouco do ar repleto de (in)certezas que tornaram-se marcas registradas das discussões em torno da criação deste pequeno espaço. Peço então sua paciência para acompanhar-me através das linhas que se seguem...

Recordo-me da conversa rápida que tive com Fernando como se a tivesse presenciado a apenas 10 minutos. Ele chegou um pouco nervoso, tímido como só ele, propondo que eu fizesse parte de um corpo editorial de uma revista que algumas pessoas gostariam de montar. Nunca havia conversado antes com ele e confesso que a distância entre ambos tornava-nos estranhos um ao outro. No entanto eu jamais poderia ter recusado justar-me a pessoas que eu admirava tanto. Entre elas estavam Rodrigo, Maurício, Victor, Allan e Lais. Não demorei muito a aceitar. Uma vez lá dentro pude conviver com figuras que pareciam me lançar em um ambiente sem tempo nem espaço, onde residiam ao mesmo tempo personalidades que lembravam Baudelaire, Che Guevara, Breton e Foucault (só para citar algumas).

Para o primeiro número da revista, eles requisitaram um texto de minha autoria. Foi então que preparei um artigo que procurava discutir a obra de um helenista conhecido (J.-P. Vernant). Este era, porém, um assunto que, à princípio, parecia fugir à vastíssima gama de interesses de meus companheiros. Eis então que, para minha surpresa, o tema foi acolhido e valorizado em meio a esta gente. Eles deram atenção àquilo que me tornava diferente, respeitaram isto e procuraram me incentivar à sua maneira.

Já haviam antes conversado sobre um eixo central que daria o norte para a revista e sempre concordávamos sobre a importância de uma certa postura ética. Mas como assumir tal atitude? No que ela implica? Ora, foram estas pessoas que me ensinaram isto. Quando eles aceitaram meu trabalho e procuraram discuti-lo, eu entendi o porquê da existência da Vernáculo. Ela está aqui para valorizar o trabalho de todos nós. Fomentar o exercício da escrita. E, enfim, fazer valer aquilo que nos transforma em historiadores, literatos, antropólogos e cientistas sociais. Não podemos depender de incentivos oficiais: os departamentos universitários já tem muitos problemas com o ego inflamado de alguns dos seus integrantes, e há também a falta de vontade de outras instâncias.

A Revista Vernáculo: história e reflexões é portanto um espaço

de luta criado por alguns alunos para que todos eles possam fazer, através do seu agir, uma universidade mais ética. Nós podemos fazer do ato de ler e de escrever um ponto a nosso favor. Façamos isso com responsabilidade, com amor àquilo que optamos fazer de nossa vida e assim poderemos mostrar que também imaginamos saberes, músicas, sonhos...

Para o presente número reunimos alguns textos que procuram valorizar os recentes trabalhos sobre a escravidão realizados na graduação da UFPR. Juntamo-los em um pequeno dossiê de três artigos. Os demais textos presentes tratam dos mais diversos temas, dentro da perspectiva de dar espaço à diversidade e à qualidade do universo acadêmico brasileiro. As impressões de leitura também foram mantidas.

Lembro aos interessados que podem contatar a revista através dos dados contidos na última página. Agradeço a atenção e me despeço por aqui.

Rafael Faraco Benthien
Curitiba, Fevereiro de 2001.